



Sinopse Econômica 110

MARÇO DE 2002

Fechamento da edição: 01/04/02

BNDES\ Área de Planejamento - Tel: (021) 2277-7369

e-mail: aalem@bndes.gov.br

Endereço na Internet - <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/>

Equipe Técnica: Ana Claudia Alem, Filipe Lage de Sousa e Rafael da Costa Nogueira

1) Política Econômica

A evolução do IED no Brasil e no mundo

Segundo os dados preliminares da UNCTAD, em 2001, o total de ingressos de Investimento Externo Direto (IED) foi de aproximadamente US\$ 780 bilhões, o que representou uma redução de cerca de 40% em relação ao resultado de 2000. Esta queda decorreu, principalmente, da desaceleração do crescimento da economia mundial no ano passado. Segundo estimativas da UNCTAD, a taxa média de crescimento mundial teria sido de 1,3% em 2001, ante os 4,0% registrados em 2000.

Entretanto, há boas perspectivas para os fluxos de IED nos próximos anos: o resultado de pesquisas de opinião com 129 empresas multinacionais sugerem um impacto negativo limitado dos atentados de 11 de setembro de 2001 sobre os planos de investimento. Esta tendência deverá ser reforçada pelos sinais mais claros de recuperação da economia dos EUA. A perspectiva é que os países desenvolvidos continuem sendo os principais receptores de IED nos próximos anos, com destaque para os EUA, Alemanha, Reino Unido e França. Dentre os países em desenvolvimento, China, Brasil e México deverão prosseguir sendo importantes receptores. As projeções da UNCTAD são ratificadas pela Economist Intelligence Unit (EIU), que estima que os IED mundiais cresçam em média US\$ 94 bilhões ao ano entre 2002 e 2006.

Em 2001, o Brasil – com um ingresso total de cerca de US\$ 23 bilhões – foi o terceiro maior receptor de IED entre os países em desenvolvimento, perdendo apenas para a China e o México, respectivamente. Quanto à distribuição setorial, destacou-se o aumento da participação da indústria, que recebeu 33% dos ingressos de IED em 2001, ante uma participação de 17% em 2000 – ver Tabela 1.1. Entretanto, o setor de serviços prosseguiu sendo o principal receptor dos fluxos de IED, mantendo a tendência iniciada a partir de meados dos anos 1990.

SUMÁRIO

2) Nível de Atividade: PIB <i>per capita</i> cresceu 0,19% em 2001	3
3) Inflação: A evolução dos preços em março.....	5
4) Finanças Públicas: As NFSP em fevereiro de 2002.....	6
5)-Mercado Financeiro: Nova redução da taxa de juros básica.....	8
6) Setor Externo: Preços das exportações caem 9,0% em 2002.....	10
7) Operações do BNDES e da FINAME.....	12
8) Anexo Estatístico.....	14

No ano passado, os Estados Unidos, a Espanha, a França, os Países Baixos e Portugal foram os principais investidores externos diretos no Brasil – ver Tabela 1.2.

Em 2002, o IED acumulado em 12 meses até fevereiro foi de US\$ 22,3 bilhões, acima do déficit em conta corrente de US\$ 21,4 bilhões – ver Gráfico 1.1. Para o ano, o Banco Central projeta um montante total de US\$ 17 bilhões em IED, um número um pouco inferior aos US\$ 20 bilhões previstos para o déficit em transações correntes.

GRÁFICO 1.1
DCC E IED - ACUMULADO EM 12 MESES
EM US\$ BILHÕES

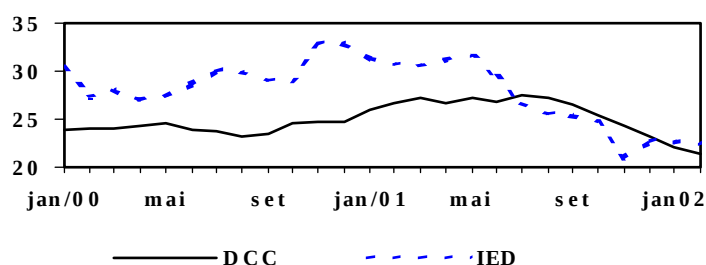


TABELA 1.1
IED NO BRASIL
DISTRIBUIÇÃO POR ATIVIDADE ECONÔMICA(%)

	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Agricultura, pecuária e extrativa mineral	1	3	1	2	2	7
Indústria	23	13	12	25	17	33
Fabr. produtos aliment. e bebidas	2	2	1	4	3	3
Fabr. de produtos químicos	3	2	2	5	4	7
Fabr. artigos de borracha e plástico	0	1	1	1	0	1
Fabr. produtos minerais não-metals.	3	1	0	1	0	1
Metalurgia básica	0	0	1	0	1	2
Fabr. de produtos de metal	1	0	0	0	0	0
Fabr. máquinas e equipamentos	2	1	1	0	2	2
Fabr. máquinas escrit. e equips. inform.	0	0	0	2	0	0
Fabr. máquinas, apars. e mats. elétricos	0	1	0	1	0	2
Fabr. mat. eletrôn. e equips. de comunic.	1	1	1	2	2	6
Fabr. mont. veícs. automs., rebs. carros.	4	1	5	7	3	7
Outras	6	1	1	2	1	3
Serviços	76	84	88	73	81	60
Eletricidade, gás e água quente	21	23	9	11	10	7
Comércio	8	5	9	10	5	8
Correio e telecomunicações	8	5	11	28	36	20
Intermediação financeira	5	10	25	6	21	10
Seguros e previdência privada	2	1	0	0	0	3
Ativs. de informática e conexas	0	1	2	0	4	3
Serviços prestados a empresas	26	35	27	12	3	4
Outros	5	3	4	6	1	5
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Banco Central.

TABELA 1.2
IED NO BRASIL
DISTRIBUIÇÃO POR PAÍSES (%)

Países	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Estados Unidos	26	29	20	29	18	22
Alemanha	3	1	2	2	1	5
Suíça	1	1	1	1	1	1
Japão	3	2	1	1	1	4
França	13	8	8	7	6	9
Reino Unido	1	1	1	5	1	2
Países Baixos	7	10	14	7	7	9
Itália	0	0	3	1	2	1
Ilhas Cayman	9	22	8	8	7	8
Luxemburgo	4	0	0	1	3	1
Espanha	8	4	22	21	32	13
Portugal	3	4	8	9	8	8
Demais	24	18	13	8	11	17
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Banco Central.

2) Nível de Atividade

O PIB per capita cresceu 0,19% em 2001

O IBGE confirmou a taxa real de crescimento do PIB de 1,5% em 2001. O PIB do ano passado registrou o montante de R\$1,184 trilhão. Como o crescimento da população foi de 1,32% em 2001, a *renda per capita* aumentou 0,19%, atingindo o valor de R\$6.873,00.

O nível de Atividade em Janeiro

Os números de 2002 já demonstram uma retomada do crescimento econômico, ainda que em um ritmo menor do que no início do ano passado. O índice de produção física da indústria calculado pelo IBGE mostrou um crescimento na taxa dessazonalizada de 1,3% em janeiro de 2002, comparado com dezembro do ano passado – ver Gráfico 2.1. Esse foi o terceiro aumento consecutivo desse índice neste tipo de comparação. Em relação a janeiro de 2001, verificou-se uma retração de 1,3%, inferior à taxa negativa de 6,7% registrada em dezembro.

Ao observar esse índice por categorias de uso, verificou-se que três apresentaram crescimento em janeiro, ante dezembro – ver Gráfico 2.2. A exceção foi a de bens de consumo duráveis com uma queda dessazonalizada de 2,1%, interrompendo um crescimento de 20,2% entre agosto e dezembro de 2001. Destacou-se o crescimento de 3,5% - taxa dessazonalizada - da produção física de bens intermediários em janeiro, ante dezembro. Os bens de consumo semi e não duráveis, e bens de capital, apresentaram crescimento de 1,3% e 1,1% - taxas dessazonalizadas - no período.

No acumulado de 12 meses, o setor de bens de capital se destaca com um crescimento de 10,3%. A categoria de bens de consumo semiduráveis e não duráveis também apresenta uma ele-

GRÁFICO 2.1
INDICADORES DO NÍVEL DE ATIVIDADE
COM AJUSTE SAZONAL - 1999=100

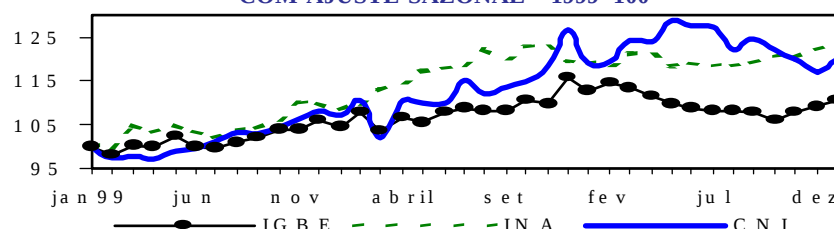
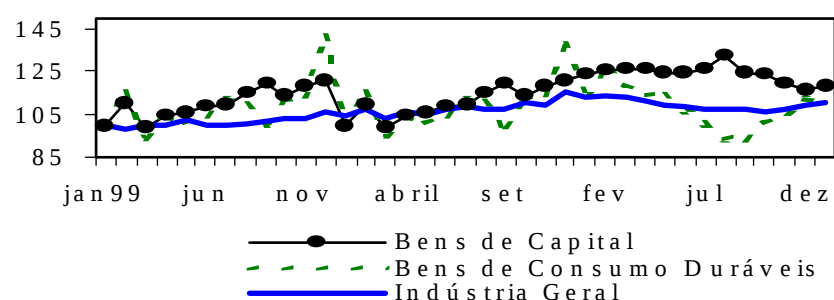


GRÁFICO 2.2
PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL - IBGE
COM AJUSTE SAZONAL - JAN 99=100



vação de 1,3% nos últimos 12 meses. No entanto, as produções de bens intermediários e de bens de consumo duráveis declinaram, nesse tipo de comparação, 1,1% e 2,1%, respectivamente.

Segundo a CNI, as vendas reais da indústria aumentaram 2,6% na taxa dessazonalizada em janeiro, ante dezembro. Na comparação com igual mês do ano anterior, esse indicador obteve um crescimento de 2,0%.

O INA de Fevereiro

Segundo a FIESP, o INA apresentou em fevereiro um aumento dessazonalizado de apenas 0,1% ante janeiro. Contra o mesmo mês de 2001, houve um declínio de 0,6%. No ano de 2002, o indicador acumula uma redução de 1,1%, ante igual período do ano anterior.

A Produção de Autoveículos em 2002

Conforme a Anfavea, a produção nacional de veículos apresentou uma queda de 11,7% em fevereiro, ante o mesmo mês de 2001. No acumulado do ano, o número de autoveículos produzidos caiu 4,3% em 2002 comparados com o ano anterior - ver Gráfico 2.3.

A Taxa de Desemprego em Fevereiro

A taxa de desemprego aberto do IBGE em fevereiro foi de 7%, ligeiramente acima dos 6,8% registrados no mês anterior. A taxa foi superior aos 5,7% registrados em igual mês de 2001 – ver Gráfico 2.4. A taxa média do desemprego de janeiro e fevereiro desse ano ficou em 6,9%, superior aos 5,7% do mesmo período de 2001.

GRÁFICO 2.3
PRODUÇÃO DE AUTOVEÍCULOS - ANFAVEA
EM MIL UNIDADES

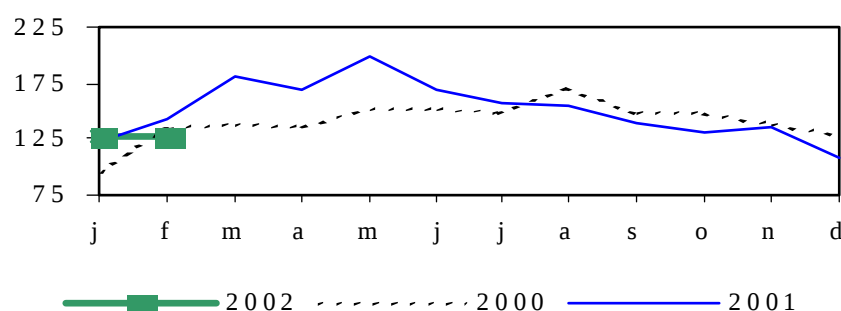
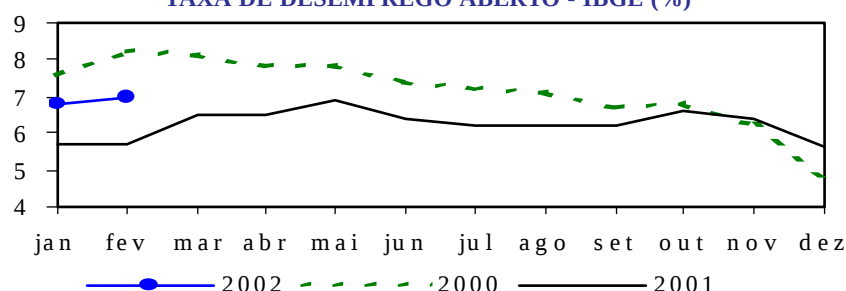


GRÁFICO 2.4
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO - IBGE (%)



3) Inflação

Índices de Preços de Fevereiro e Núcleo de Inflação

Os índices de preço do mês de fevereiro mostraram queda em relação ao mês anterior. O IGP-DI de fevereiro apresentou uma variação de 0,18% e o IPC-PIPE, de 0,26%; contra 0,19% e 0,57%, respectivamente, em janeiro de 2002 - ver Tabela 3.1. O IPCA apresentou o valor de 0,36% em fevereiro, inferior aos 0,52% registrados em janeiro de 2002. A inflação média desses três índices de preço foi de 0,27% em fevereiro, inferior à média de 0,43% registrada em janeiro. No acumulado de 12 meses, a média desses índices mostrou uma taxa de 8,30% até fevereiro de 2002, ligeiramente inferior aos 8,34% registrados no acumulado 12 meses até janeiro de 2002.

O núcleo de inflação atingiu o valor mensal de 0,44% em fevereiro, inferior aos 0,73% de janeiro. No acumulado de 12 meses até fevereiro, o núcleo de inflação apresentou uma taxa de variação de 7,50%, acima dos 7,41% registrados no acumulado 12 meses até janeiro - ver Gráfico 3.1.

A evolução dos preços em março

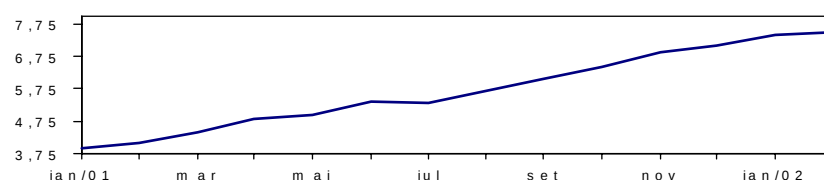
O Índice de Preços ao Consumidor, divulgado pela FIPE, registrou, na terceira quadrissemana de março, uma variação nos preços de 0,09%, queda considerável comparada aos 0,21% registrada na segunda prévia de março.

O principal item de aumento foi a Saúde, com elevação dos preços de 1,03%, porém bem menor em relação à pesquisa anterior, que foi de 1,59%. Os dois itens com maior peso no índice, Habitação e Alimentação, apresentaram, respectivamente, queda de 0,01% e aumento de 0,10%, com contribuições de -0,003 e 0,023 ponto percentual, respectivamente. O item Despesas Pessoais apresentou deflação de 0,58% nesse período. A Educação apresentou um crescimento de 0,20%, e Vestuário de 0,15%. O

TABELA 3.1
INFLAÇÃO MENSAL (%)

Mês	Índices de preços			
	IGP-DI	IPCA	FIPE	Média
jan 01	0,49	0,57	0,38	0,48
fev	0,34	0,46	0,11	0,30
mar	0,80	0,38	0,51	0,56
abr	1,13	0,58	0,61	0,77
mai	0,44	0,41	0,17	0,34
jun	1,46	0,52	0,85	0,94
jul	1,62	1,33	1,21	1,39
ago	0,90	0,70	1,15	0,92
set	0,38	0,28	0,32	0,33
out	1,45	0,83	0,74	1,01
nov	0,76	0,71	0,61	0,69
dez	0,18	0,65	0,25	0,36
jan 02	0,19	0,52	0,57	0,43
fev	0,18	0,36	0,26	0,27

GRÁFICO 3.1
NÚCLEO DE INFLAÇÃO (%)
TAXA ACUMULADA EM 12 MESES



item Transporte apresentou um crescimento de 0,26%, indo contra a tendência das últimas duas prévias, quando houve deflação. A Fipe projeta para fim de março uma taxa mensal de 0,10%, abaixo da projeção inicial, que era de 0,20%, e inferior a de fevereiro, quando registrou 0,26%.

O IGP-M

Em março, o IGP-M registrou uma estabilização dos preços, onde a taxa mostrou um crescimento de 0,09%, ligeiramente superior aos 0,06% de fevereiro. No acumulado em 12 meses até março, a taxa foi de 9,40%. O IPC-M e o INCC-M registraram altas de 0,33% e 0,84%, respectivamente, em março. O IPA-M registrou uma deflação de 0,14%.

4) Finanças Públicas

As NFSP em fevereiro de 2002

O déficit público nominal – sem considerar a desvalorização nominal - foi de 3,90% do PIB no acumulado janeiro/fevereiro de 2002, ante os 2,55% do PIB de igual período de 2001 – ver Tabela 4.1.

As despesas com os juros nominais sobre a dívida pública atingiram 8,18% do PIB no período, contra os 7,39% do PIB de

TABELA 4.1
NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (NFSP)(1) -
em % do PIB
SEM DESVALORIZAÇÃO CAMBIAL

	2001		2002
	jan-fev	Ano	jan-fev
<i>Nominal</i>	2,55	3,53	3,90
Governo Central	2,34	2,05	1,03
Governo Federal	2,27	2,18	0,09
Banco Central	0,07	-0,13	0,93
Governos Regionais	0,76	2,03	0,54
Governos Estaduais	1,10	1,93	0,67
Governos Municipais	-0,34	0,10	-0,13
Empresas Estatais	-0,54	-0,55	2,34
Empresas Estatais Federais	-0,58	-0,66	2,23
Empresas Estatais Estaduais	0,04	0,10	0,10
Empresas Estatais Municipais	-0,01	0,01	0,00
<i>Juros Nominais</i>	7,39	7,27	8,18
Governo Central	4,35	3,96	5,63
Governo Federal	4,34	4,14	4,74
Banco Central	0,01	-0,19	0,90
Governos Regionais	2,53	2,92	1,95
Governos Estaduais	2,20	2,55	1,73
Governos Municipais	0,33	0,37	0,22
Empresas Estatais	0,51	0,39	0,60
Empresas Estatais Federais	0,00	-0,03	0,12
Empresas Estatais Estaduais	0,50	0,40	0,47
Empresas Estatais Municipais	0,02	0,02	0,02
<i>Primário</i>	-4,84	-3,74	-4,28
Governo Central	-2,01	-1,91	-4,61
Governo Federal	-2,71	-3,03	-5,70
Banco Central	0,06	0,06	0,04
INSS	0,63	1,07	1,05
Governos Regionais	-1,77	-0,89	-1,41
Governos Estaduais	-1,10	-0,62	-1,06
Governos Municipais	-0,67	-0,28	-0,35
Empresas Estatais	-1,05	-0,94	1,74
Empresas Estatais Federais	-0,58	-0,63	2,12
Empresas Estatais Estaduais	-0,45	-0,30	-0,36
Empresas Estatais Municipais	-0,03	-0,01	-0,01

Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: (1) (-)=superávit.

janeiro a fevereiro de 2001. Em relação ao resultado primário, houve um superávit de 4,28% do PIB no acumulado no ano até fevereiro de 2002, ante um superávit de 4,84% do PIB em jan/fev de 2001.

A evolução das receitas federais

Segundo a Secretaria da Receita Federal (SRF), a arrecadação apresentou uma expansão real de 20% em fevereiro de 2002, ante o mesmo mês de 2001. No acumulado no ano até fevereiro, o total da arrecadação federal registrou um crescimento real de 19%, ante igual período do ano anterior.

A participação dos títulos públicos por indexador

A participação dos títulos indexados ao câmbio no total de títulos públicos federais caiu de janeiro de 2002 para fevereiro, passando de 29,4% do total para 28,7%. Este resultado refletiu a queda da cotação cambial no período. Os títulos indexados à taxa over/SELIC continuaram apresentando a maior participação, que foi de 52,7% do total em fevereiro de 2002 - ver Tabela 4.2. Os títulos pré-fixados, por sua vez, registraram uma participação de 7,5% do total, no período.

A dívida líquida do setor público

A dívida líquida do setor público – excluindo base monetária - foi de 50,7% em fevereiro de 2002 – ver Tabela 4.3. Incluindo-se a base monetária, a dívida líquida foi de 54,5% do PIB.

TABELA 4.2
TÍTULOS PÚBLICOS FEDERAIS:
PARTICIPAÇÃO POR INDEXADOR (%)

Indexadores	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002(fev)
Câmbio	5,3	9,4	15,4	21,0	24,2	21,7	28,6	28,7
SELIC	37,8	18,6	34,8	69,1	61,1	52,4	52,8	52,7
Prefixados	42,7	61,0	40,9	3,5	9,2	15,3	7,8	7,5
Índices de Preços	5,3	1,8	0,3	0,4	2,4	5,9	7,0	8,6
Outros	8,9	9,2	8,6	6,0	3,1	4,7	3,8	2,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100

Fonte: Banco Central.

TABELA 4.3
DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO - FIM DE PERÍODO (% PIB)

Composição	1998	1999	2000	2001	2002 (fev)
Dívida interna	32,5	34,4	35,5	38,4	40,3
Governo Central	17,2	17,7	19,3	20,5	21,9
Gov.estaduais e municipais	14,0	15,5	15,3	17,5	17,4
Empresas estatais	1,3	1,2	0,9	0,4	1,0
Dívida externa	6,4	10,4	9,7	10,6	10,4
Governo Central	4,3	8,0	7,5	8,4	8,3
Gov.estaduais e municipais	0,7	0,9	0,9	1	1,0
Empresas estatais	1,4	1,5	1,3	1,2	1,1
Dívida total	38,9	44,8	45,2	49,0	50,7
Governo Central	21,5	25,7	26,8	28,9	30,2
Gov.estaduais e municipais	14,7	16,4	16,2	18,5	18,4
Estados	12,7	14,2	14,1	16,4	16,3
Municípios	2,0	2,2	2,1	2,1	2,1
Empresas estatais	2,7	2,7	2,2	1,6	2,1
Federais	0,5	0,3	-0,4	-1,2	-0,6
Estaduais	2,1	2,2	2,4	2,6	2,5
Municipais	0,1	0,2	0,2	0,2	0,2
Base monetária	4,4	4,6	4,2	4,3	3,8
Dívida total com base monetária	43,3	49,4	49,4	53,3	54,5

5) Mercado Financeiro

Nova redução da taxa de juros básica

Na última reunião do Copom - realizada ao longo dos dias 19 e 20 de março - o Banco Central reduziu novamente a taxa Selic em 0,25 ponto percentual, de 18,75% ao ano para 18,50%. A Ata do Copom apontou no sentido de continuidade da redução das taxas de juros, porém de forma cautelosa. A principal preocupação é evitar a contaminação dos preços livres da economia pela alta dos preços administrados. A projeção do IPCA para 2002 foi revista, aumentando de 4,0% para 4,4%.

No mercado futuro, as taxa de juros DI, anualizadas, projetadas para abril, maio e junho de 2002 fecharam, em 28/03, em 18,42%, 18,38% e 18,34%, respectivamente.

FMI projeta crescimento mundial de 2,0% em 2002

Segundo a projeção do FMI, a economia mundial deverá crescer 2,0% em 2002 e 4,0% em 2003. Para os EUA, a estimativa é de um crescimento de 1,7% em 2002 e de 3,5%/4,0% no próximo ano. Em relação à América Latina, o FMI prevê uma expansão de 2,5% em 2002, excluindo a Argentina. Incluindo no cálculo a queda estimada de cerca de 8% do PIB argentino, a taxa de crescimento da América Latina cairia para apenas 1% em 2002.

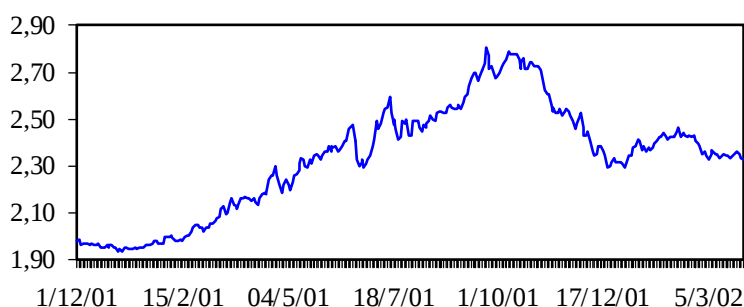
Quanto ao desempenho da economia norte-americana, prosseguem as boas notícias. O índice de atividade industrial da NAPM dos EUA subiu para 55,6 em março, ante os 54,7 em fevereiro. Este resultado ficou acima dos 54 projetados pelo mercado.

A evolução da taxa de câmbio

No dia 28/03, a cotação da Ptax (venda) foi de R\$ 2,3236, ante os R\$ 2,3482 registrados no final do mês de fevereiro, o que representou uma queda de 1,0% no mês – ver Gráfico 5.1.

Os contratos de US\$ futuro com fechamento em primeiro de maio tiveram, em 28/03, uma cotação de R\$ 2,3553.

GRÁFICO 5.1
Ptax VENDA



A evolução do spread de risco soberano

Vale ressaltar a continuidade do “descolamento” do *spread* de risco soberano do Brasil em relação ao argentino; movimento iniciado no final do mês de outubro - ver Gráfico 5.2.

No mês de março, o *spread* de risco país do Brasil foi de 866 em média, ante os 5114 da Argentina - ver Tabela 5.1.

GRÁFICO 5.2
SPREAD DE RISCO SOBERANO
EVOLUÇÃO DIÁRIA

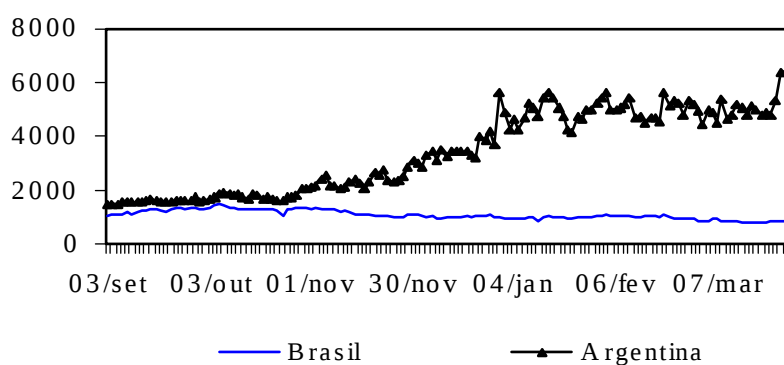


TABELA 5.1
SPREAD DE RISCO SOBERANO

Mês	Médias Mensais: Par-bond		
	Brasil	Argentina	México
1999	1233	901	769
2000	895	857	423
jan/01	875	891	421
fev/01	848	901	479
mar/01	895	1075	487
abr/01	966	1181	464
mai/01	991	1181	392
jun/01	979	1129	348
jul/01	1093	1552	387
ago/01	1095	1648	403
set/01	1244	1585	459
out/01	1333	1801	477
nov/01	1158	2416	424
dez/01	1022	3564	351
jan/02	980	4854	356
fev/02	1019	5055	332
mar/02	866	5114	264

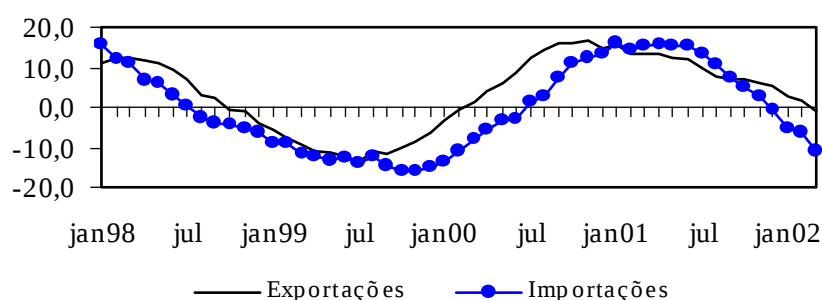
6) Setor Externo

A Balança Comercial em Março

A balança comercial registrou em março um superávit de US\$ 594 milhões, com exportações de US\$ 4,260 bilhões e importações de US\$ 3,666 bilhões.

Com este resultado, a balança comercial acumulou um superávit de US\$ 1,028 bilhão no primeiro trimestre de 2002, contra um déficit de US\$ 680 milhões registrados em igual período de 2001. No acumulado em 12 meses até março, as exportações apresentaram uma queda de 0,9% e as importações reduziram-se em 10,7% - ver Gráfico 6.1.

GRÁFICO 6.1
EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES
VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)



Exportações e Importações Desagregadas em Fevereiro

No acumulado de 2002 até fevereiro, as exportações apresentaram uma queda de 11,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. Já as importações mostraram um resultado mais acentuado, com uma redução de 20,2% do acumulado no período – ver Tabelas 6.1 e 6.2.

Em relação às exportações, a maioria dos subitens apresentou uma redução do volume exportado no acumulado do ano até fevereiro, ante o mesmo período do ano passado. As exportações de produtos semimanufaturados apresentaram o pior desempenho, com um declínio de 16,6% até fevereiro de 2002, contra o mesmo período do ano anterior. Os produtos manufaturados vêm logo em seguida com uma redução de 12,9% para o mesmo período. As vendas externas de produtos básicos, por sua vez, registraram uma queda de 9%.

No que diz respeito às importações, todas as categorias de uso exibiram quedas na comparação do acumulado desse ano até fevereiro contra o mesmo intervalo de tempo em 2001. A importação de bens de consumo não-duráveis apresentou o resultado mais brando, pois a redução foi de apenas 4,4%. O destaque de queda ficou com o subitem automóveis, com queda de 52,9%. As importações de combustíveis e lubrificantes e de bens de capital, por sua vez, apresentaram quedas de 24,0% e 21,2%, respectivamente, no acumulado janeiro/fevereiro, ante o mesmo período de 2001.

Preços das Exportações caem 9,0% em 2002

Os preços das exportações, principalmente dos produtos básicos e semimanufaturados, continuam caindo por causa da desaceleração da economia internacional.

De acordo com a Funcex, os preços das exportações reduziram em 8,07% em fevereiro de 2002, contra o mesmo mês do ano passado – ver Gráfico 6.1. Os destaques dessa diminuição foram os preços dos produtos básicos e semimanufaturados, com reduções de 11,28% e 11,23%, respectivamente, em fevereiro de 2002, ante o mesmo mês de 2001. Os preços das exportações acumularam uma queda de 9,0% no ano de 2002 até fevereiro, ante o mesmo período de 2001.

TABELA 6.1
EXPORTAÇÕES POR TIPO DE PRODUTO
EM US\$ MILHÕES FOB

Itens	Jan - Fev		Var. %
	2002	2001	
Básicos	1.685	1.851	-9,0
Industrializados	5.470	6.344	-13,8
Semimanufaturados	1.210	1.452	-16,6
Manufaturados	4.260	4.893	-12,9
Ops. Especiais	475	425	11,8
Total	7.630	8.620	-11,5

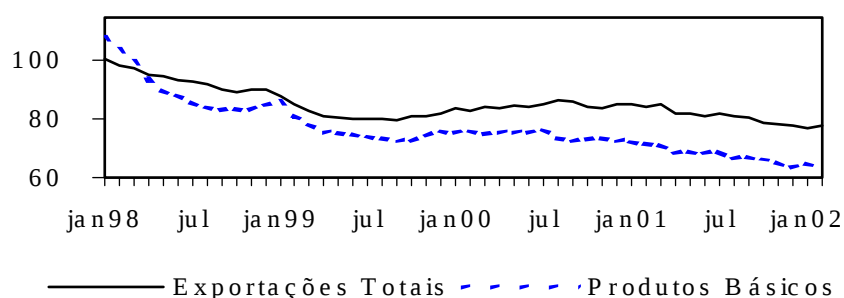
Fonte: Secex.

TABELA 6.2
IMPORTAÇÕES POR CATEGORIA DE USO
EM US\$ MILHÕES FOB

Itens	Jan - Fev		Var. %
	2002	2001	
Mat. primas e bens interm.	3.671	4.518	-18,7
Combust. e lubrificantes	733	965	-24,0
Bens de capital	1.916	2.430	-21,2
Bens de consumo	876	1.108	-20,9
Não-duráveis	522	546	-4,4
Automóveis	105	223	-52,9
Outros duráveis	249	339	-26,5
Total	7.196	9.022	-20,2

Fonte: Secex.

GRÁFICO 6.2
ÍNDICES DE PREÇOS DAS EXPORTAÇÕES
FUNCEX - 1996=100

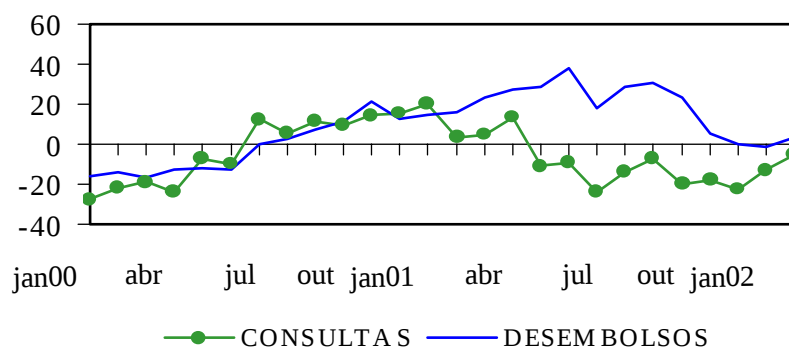


7) Operações do BNDES

A evolução dos desembolsos e das consultas

O valor real dos desembolsos de recursos do BNDES apresentou uma expansão de 3% no acumulado em 12 meses até fevereiro de 2002 - ver Gráfico 7.1. O valor das consultas - pedidos de financiamento - do BNDES registrou uma queda real de 5% no acumulado em 12 meses até fevereiro de 2002. Este resultado representou uma recuperação significativa em relação ao acumulado até janeiro, quando as consultas haviam registrado uma redução real de 13%.

GRÁFICO 7.1
BNDES: DESEMBOLSOS E CONSULTAS
VARIAÇÃO REAL ACUMULADA EM 12 MESES (%)
DEFLATOR: IGP-DI



Fonte: BNDES/GEREG.

Desembolsos por tipo de operação e empresa do BNDES

O valor real dos desembolsos do Sistema BNDES registrou o montante de R\$ 4,4 bilhões no acumulado no ano até fevereiro de 2002, 51% superior ao observado em igual período de 2001, ambos a preços de fevereiro de 2002 - ver Tabela 7.1.

O BNDES apresentou um crescimento real de 132% de seus desembolsos no período. Isto resultou, principalmente, da expansão real das liberações com as operações diretas. A FINAME registrou um crescimento real de 16% de seus desembolsos no acumulado no ano até fevereiro de 2002, ante mesmo período de

TABELA 7.1
DESEMBOLSOS DO SISTEMA BNDES (1)
Em R\$ milhões

Itens	2002	2001	Var. %
BNDES	2.788	1.200	132
Op. Diretas	2.037	409	398
Op. Indiretas	751	791	-5
FINAME	1.568	1.352	16
BNDESpAr	10	340	-97
Total	4.366	2.892	51

Fonte: BNDES/GEREG.

Nota: (1) Valores acumulados até fevereiro de cada ano, a preços de fevereiro de 2002 - deflator IGP-DI.

2001. A BNDESPAR, por sua vez, apresentou uma queda real de 97% de seus desembolsos no período.

A distribuição setorial dos desembolsos

A evolução dos desembolsos setoriais acumulados no ano a partir de janeiro de 2001 pode ser observada na Tabela 7.2. Em janeiro de 2002, os destaques foram os setores de infra-estrutura e agropecuária, que apresentaram as maiores taxas reais de crescimento de suas liberações.

Em fevereiro de 2002, as liberações para a indústria de transformação registraram a maior participação – de 67% - no total desembolsado – ver Tabela 7.3.

TABELA 7.2
CRESC. REAL ACUMULADO ATÉ O MÊS (1)
DESEMBOLSOS (%)

Meses	AGROP.	IND.	INFRA- TRANSF. ESTRUTURA	SERVIÇOS	TOTAL
jan/01	66	129	-44	-14	44
fev	52	64	-38	-35	23
mar	61	80	-26	-15	42
abr	56	76	-21	-17	39
mai	43	79	20	-21	41
jun	41	62	17	-23	42
jul	41	50	-30	-12	13
ago	33	55	5	-26	27
set	33	50	8	-22	26
out	31	28	11	-22	17
nov	39	17	-11	-20	5
dez	31	14	-21	-24	0
jan/02	20	0	71	13	14
fev	42	-8	409	13	51

Fonte: BNDES/GEREG.

Nota: (1) Em relação a igual período do ano anterior - deflator: IGP-DI.

TABELA 7.3
DESEMB. SETORIAIS DO SISTEMA BNDES (1)
Em R\$ milhões

Setores	2002	2001	Var.%	Part% 2001
TOTAL	4366	2892	51	100,0
AGROPECUÁRIA	502	353	42	12,2
IND. DE TRANSFORMAÇÃO	1774	1936	-8	66,9
METALURGIA	133	80	66	2,8
MECÂNICA	125	253	-51	8,8
MATERIAL DE TRANSPORTE	851	791	8	27,4
CELULOSE E PAPEL	42	359	-88	12,4
QUÍMICA, P..F.,PERF.,S. E VELAS	130	63	107	2,2
PROD. ALIMENTARES E BEBIDAS	343	219	56	7,6
OUTRAS	150	170	-11	5,9
INFRA-ESTRUTURA	1798	353	409	12,2
SERVIÇOS	260	230	13	7,9
OUTROS	31	20	57	0,7

Fonte: BNDES/GEREG.

Nota: (1) Valores acumulados até fevereiro de cada ano, a preços de fevereiro de 2002 - deflator IGP-DI.

8) Anexo Estatístico

EVOLUÇÃO COMPARATIVA DOS INDICADORES

	IGP-M/ FGV			Dólar Comercial (var.%(1))			UMBNEDES (2)		
	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses
jan/01	0,62	0,62	9,28	0,80	0,80	9,35	0,47	0,47	6,38
fev	0,23	0,85	9,15	3,76	4,59	15,64	3,49	3,98	12,95
mar	0,56	1,42	9,59	5,69	10,54	23,70	3,90	8,03	17,66
abr	1,00	2,43	10,44	1,07	11,72	20,92	1,51	9,66	17,66
mai	0,86	3,31	11,04	8,02	20,68	29,19	8,21	18,67	25,33
jun	0,98	4,32	11,19	-2,33	17,87	28,05	-2,98	15,13	22,64
jul	1,48	5,87	11,09	5,48	24,33	36,99	5,66	21,64	32,79
ago	1,38	7,33	9,99	4,95	30,49	39,93	6,31	29,32	37,74
set	0,31	7,66	9,07	4,69	36,61	44,89	4,57	35,24	42,97
out	1,18	8,93	9,94	1,34	38,44	41,81	0,79	36,30	40,03
nov	1,10	10,13	10,82	-6,59	29,32	29,04	-6,76	27,08	27,07
dez	0,22	10,37	10,37	-8,24	18,66	18,66	-9,23	15,36	15,36
jan/02	0,36	0,36	10,09	4,22	4,22	22,68	3,60	3,60	18,95
fev	0,06	0,42	9,90	-2,90	1,20	14,81	-2,77	0,72	11,75
mar	0,09	0,51	9,39	-1,05	0,14	7,49	-0,92	-0,21	6,56

Fonte: BNDES e Gazeta Mercantil.

Notas:

(1) Taxa de final de período.

(2) Variação cambial da cesta de moedas do BNDES (UMBNEDES).

QUADRO DAS PREVISÕES ANUAIS (1)

INSTITUIÇÕES	PIB (1)								IED		NFSP(%PIB)		Exportações		Importações		B. Comercial		Saldo em C. Corrente	
	TOTAL		IND(2)		AGR		SERV		2002	2003	Primário		2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003			2002	2003								
Citibank	2,3	3,5	2,0	4,0	4,0	3,0	2,2	3,0	150	180	-35	-35	565	615	520	555	4,5	6,0	-20,3	-20,3
Fator	2,3	3,7	1,8	4,1	4,0	6,0	2,3	3,2	165	180	-35	-36	-	-	-	-	-	-	-	-
Garantia	1,8	4,0	1,2	6,0	3,0	3,5	2,0	2,9	160	220	-35	-35	605	665	575	655	3,0	1,0	-21,7	-25,0
MCM Consultores	2,6	2,8	1,0	5,0	2,7	2,5	2,4	5,2	182	180	-35	-35	544	668	485	589	5,9	7,9	-20,0	-17,9
Rosenberg	2,2	4,0	1,3	5,0	3,0	4,0	2,6	3,4	180	201	-34	-32	561	637	536	592	2,5	4,5	-	-
Tendências	2,5	3,8	2,2	4,8	3,3	4,1	2,4	3,2	197	200	-35	-30	585	632	555	586	3,0	4,6	-22,5	-20,9
MÉDIA	2,3	3,6	1,6	4,8	3,3	3,9	2,3	3,5	172	194	-35	-34	572	643	534	595	3,8	4,8	-21,1	-21,0
DESMOPADRÃO	0,25	0,41	0,44	0,66	0,50	1,11	0,19	0,78	1,56	1,50	0,04	0,21	2,10	2,02	3,07	3,26	1,25	2,26	1,01	2,55

(2) As empresas excluem Construção Civil e os Serviços de Utilidade Pública. (1) Variação percentual.

Notas:

(1) Variação percentual.

(2) Exclusive Construção Civil e Serviços de Utilidade Pública.

INFLAÇÃO - QUADRO DAS PREVISÕES

INSTITUIÇÕES	IPC-FIPE				IGP-M			
	abr	mai	jun	2002	abr	mai	jun	2002
Citibank	0,20	0,40	0,45	4,94	0,60	0,50	0,50	5,82
Fator	0,35	0,45	0,55	-	0,35	0,45	0,75	-
Garantia	0,20	0,30	0,50	4,80	0,50	0,80	0,80	6,50
MCM Consultores	0,35	0,40	0,35	4,60	0,45	0,45	0,60	5,10
Rosenberg	0,57	0,40	0,67	5,50	0,51	1,03	0,70	6,80
Tendências	0,30	0,30	0,30	4,60	0,40	0,40	0,60	5,00
Média	0,33	0,38	0,47	4,89	0,47	0,61	0,66	5,84
Desvio Padrão	0,14	0,06	0,13	0,37	0,09	0,25	0,11	0,81

ÍNDICES ECONÔMICOS

mês	Taxa de variação dos preços(%)						Taxa Referencial de juros (%)	Taxa de Câmbio-venda SP R\$/US\$		
	IPCA	IPC (FIP E)	IGP-M (FGV)	IGP-DI (FGV)	IPA-DI (FGV)	IPA Ind (FGV)		Comercial Média	Comercial (1)	Paralelo (1)
jan/01	0,57	0,38	0,62	0,49	0,40	0,78	0,14	1,95	1,97	2,14
fevereiro	0,46	0,11	0,23	0,34	0,31	0,31	0,04	2,00	2,05	2,14
março	0,38	0,51	0,56	0,80	1,01	0,27	0,17	2,09	2,16	2,21
abr	0,58	0,61	1,00	1,13	1,39	0,48	0,15	2,19	2,18	2,25
maio	0,41	0,17	0,86	0,44	0,18	0,49	0,18	2,30	2,36	2,55
junho	0,52	0,85	0,98	1,46	1,96	1,59	0,15	2,38	2,30	2,52
julho	1,33	1,21	1,48	1,62	1,93	1,89	0,24	2,47	2,43	2,59
agosto	0,70	1,15	1,38	0,90	1,13	1,05	0,34	2,51	2,55	2,63
setembro	0,28	0,32	0,31	0,38	0,48	0,75	0,16	2,67	2,67	2,79
outubro	0,83	0,74	1,18	1,45	1,88	1,94	0,29	2,74	2,71	2,82
novembro	0,71	0,61	1,10	0,76	0,73	0,65	0,19	2,54	2,53	2,64
dezembro	0,65	0,25	0,22	0,18	-0,09	-0,32	0,20	2,36	2,32	2,60
Acum. Ano	7,67	7,13	10,37	10,40	11,88	10,31	2,27	-	-	-
jan/02	0,52	0,57	0,36	0,19	-0,13	-0,32	0,26	2,38	2,42	2,57
fevereiro	0,36	0,26	0,06	0,18	0,14	0,36	0,12	2,42	2,35	2,48
março	-	-	0,09	-	-	-	0,18	2,35	2,32	2,45
Acum. Ano	0,88	0,83	0,51	0,37	0,01	0,04	0,56	-	-	-

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Cotação de final de período.

REMUNERAÇÃO REAL DOS ATIVOS FINANCEIROS (%) ⁽¹⁾

Mês	Bolsa SP	Poupança	Over	Ouro-Spot	Paralelo	Comercial	CDB
jan/01	15,10	0,02	0,64	-2,85	-2,44	0,18	0,38
fev	-10,28	0,31	0,79	2,35	-0,23	3,52	0,74
mar	-9,65	0,11	0,69	0,83	2,69	5,10	0,39
abr	2,29	-0,34	0,19	2,89	0,80	0,07	0,04
mai	-2,64	-0,18	0,47	11,21	12,36	7,10	0,27
jun	-1,58	-0,33	0,29	-1,44	-2,14	-3,28	0,11
jul	-6,91	-0,73	0,01	-1,46	1,28	3,94	-0,28
ago	-7,92	-0,53	0,21	2,63	0,16	3,52	0,00
set	-17,42	0,36	1,02	13,16	5,76	4,37	0,75
out	5,60	-0,38	0,35	-5,55	-0,10	0,16	0,08
nov	12,55	-0,40	0,29	-8,18	-7,40	-7,61	0,01
dez	4,76	0,48	1,17	-2,49	-1,73	-8,44	0,89
Acum. no ano	-19,40	-1,61	6,29	9,42	8,05	7,50	3,43
jan/02	-6,64	0,40	1,17	5,20	-1,89	3,84	0,83
fev	10,25	0,56	1,19	0,16	-3,18	-2,96	0,94
mar	-5,64	0,58	1,28	0,61	-1,30	-1,14	1,00
Acum. no ano	-2,88	1,55	3,68	6,01	-6,24	-0,38	2,80

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Deflacionados pelo IGP-M.

CUSTO DO CRÉDITO ⁽¹⁾

Mês	TJLP	LIBOR(2) (6 meses)	Capital de Giro pré fixado(2)	Res. 63(3)	Desconto de duplicata(4)	Export notes(3)(7)	ACC(3)	Repasses do BNDES(5)	
								BNDES/FINAME automáticos	FINAME Especiais
jan00	12,00	6,17	49,07	11,93	3,84	15,72	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	6,29	46,32	13,02	3,61	14,31	10,30	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	6,53	46,73	11,56	3,68	9,82	9,82	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	11,00	6,51	43,43	11,66	3,52	8,87	9,61	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	6,98	43,64	11,77	3,58	9,85	9,60	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	6,92	34,39	11,78	3,25	10,87	10,44	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	10,25	6,87	33,07	9,59	3,10	9,97	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	6,83	35,99	10,04	3,41	9,07	8,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	6,70	30,42	9,32	2,92	9,01	9,23	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	9,75	6,67	32,24	12,08	3,12	10,81	9,14	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov	-	6,64	30,91	10,09	2,94	9,36	9,36	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez	-	6,31	30,73	10,47	2,97	11,74	8,98	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jan01	9,25	5,45	32,90	8,82	3,10	10,26	8,19	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	5,15	27,52	8,05	2,65	14,75	7,27	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	4,75	32,60	8,41	3,11	-	7,20	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	9,25	4,42	31,72	9,09	3,02	15,93	7,04	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	3,99	35,82	22,02	3,32	16,46	7,12	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	3,94	32,06	14,78	3,03	20,43	6,63	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	9,50	3,73	37,81	9,32	3,55	20,11	7,04	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	3,50	43,39	6,29	3,85	23,99	7,04	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	2,99	38,37	6,09	3,15	24,00	6,66	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	10,00	2,29	43,58	5,79	3,80	3,42	6,82	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov	-	2,05	36,36	7,37	3,29	11,14	6,27	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez	-	1,93	35,66	6,61	3,28	8,25	5,86	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jan	10,00	1,87	41,31	4,52	3,65	5,45	5,58	1,0 a 4,5	1,0 a 4,5
fev	-	1,96	31,40	5,69	2,94	9,66	5,42	1,0 a 4,5	1,0 a 4,5
mar(6)	-	2,19	34,51	5,54	3,21	9,09	5,44	1,0 a 4,5	1,0 a 4,5

Fonte: Banco Central.

Notas: (1) Capital de giro, Res. 63, Desconto de duplicatas, Export notes e ACC, calculados a partir de dados do SISBACEN. (2) % ao ano. (3) % ao ano mais correção cambial. (4) Taxa antecipada - % ao mês (média mensal). (5) % ao ano + TJLP. A partir de agosto de 1997: % ao ano + TJLP + spread de risco do agente financeiro. (6) Capital de giro, Res.63, export notes, ACC e desconto de duplicatas: valores referentes a 15/03/02.(7) As significativas variações das taxas deste item nos últimos meses resultam de questões metodológicas referentes ao número de instituições pesquisadas. Para mais informações, consultar o SISBACEN.